



**Universidade Federal do Amapá
Pró-Reitoria de Ensino de Graduação
Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia
Disciplina: Filosofia da Educação II
Educador: João Nascimento Borges Filho**

Habermas e a Filosofia da Educação

Nadja Hermann

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Habermas centra seu projeto teórico em torno da razão e da modernidade, valendo-se de uma análise reconstrutiva do conteúdo de nossas práticas sociais. Entende que o projeto da modernidade não pode ser retomado com os mesmos critérios e nisso consiste seu empenho: reconstruir os fundamentos normativos e formular uma teoria crítica que dê conta das patologias sociais, permitindo a emergência de um novo tipo de racionalidade.

A obra de Habermas vem sendo elaborada desde a década de 60, sendo que a publicação da *Teoria do Agir Comunicativo*, em 1981, é um marco em sua trajetória, quando ele dá um "sentido global" ao empreendimento, tentando superar vários anos de enfrentamentos teóricos. Abandona o marxismo tradicional e o modelo da filosofia da história. De forma original, integra a teoria da ciência, a hermenêutica e a filosofia da linguagem e reconstrói os fundamentos normativos da teoria crítica, a partir do giro pragmático.

A tese central de Habermas se refere a existência de um *télos* de entendimento na linguagem, ou seja, como falantes já somos desde já participantes de uma intersubjetividade racional. A possibilidade de não sucumbirmos só aos desígnios do mundo racionalizado e para que a socialização não seja apenas repressão, surge a mudança da ação teleológica para a ação comunicativa. Habermas esclarece: "O fenômeno a ser explicado não é o *conhecimento* ou *submissão* de uma natureza objetivada tomados em si mesmos, senão a intersubjetividade do *entendimento* possível, tanto no plano interpessoal, como no plano intrapsíquico. O foco da investigação se



desloca então de uma racionalidade *cognitivo-instrumental* a uma racionalidade comunicativa. Para esta o paradigmático não é a relação de um sujeito solitário com algo no mundo objetivo, que pode ser representado e manipulado, mas a relação intersubjetiva que estabelecem os sujeitos capazes de linguagem e ação quando se entendem entre si sobre algo. Nesse processo de entendimento os sujeitos, ao atuar comunicativamente, se movem no meio da linguagem natural, se servem de interpretações transmitidas culturalmente e fazem referência simultaneamente a algo *no* mundo objetivo, *no* mundo social que compartilham e cada um a algo em seu próprio mundo subjetivo." (Habermas, 1987, v.1 p.499-500)

Uma compreensão do desenvolvimento argumentativo de Habermas torna necessário distinguir entre ação racional em relação a fins e ação comunicativa. O primeiro caso refere-se ao fim buscado por um ator, que escolhe entre alternativas de ação passíveis de atingir tal propósito. Esse conceito ampliado se converte em ação estratégica, na qual o autor escolhe meios em função de critérios utilitaristas. Trata-se da ação instrumental, orientada por regras técnicas. Ao contrário, a ação comunicativa refere-se à *"interação de ao menos dois sujeitos capazes de linguagem e ação, que estabelecem uma relação interpessoal"*. (Habermas, 1987, v.1, p.124)

O conceito de ação comunicativa traz um novo operador que é o meio lingüístico, envolvendo o próprio agente na problemática da racionalidade. Em outras ações o uso da linguagem pode ser unilateral, enquanto que a ação comunicativa pressupõe a linguagem como um meio de entendimento entre os atores, articulando os mundos objetivo, social e subjetivo.

Habermas está convencido que há na linguagem um núcleo universal, estruturas básicas que todos os sujeitos, num determinado momento, passam a dominar. Mas a competência comunicativa não se reduz a produzir falas gramaticalmente corretas. Ela se vincula a três mundos, aos quais correspondem três pretensões de validade, requeridas pelos atores:

- o mundo objetivo, a que corresponde a pretensão de que o enunciado seja *verdadeiro*. As afirmações sobre fatos e acontecimentos referem-se à pretensão de *verdade*;



- o mundo social (ou das normas legitimamente reguladas), a que se vinculam as pretensões de que o ato de fala seja correto em relação ao contexto normativo vigente. Trata-se da pretensão de *justiça*;

- o mundo subjetivo (a que só o falante tem acesso privilegiado), a que se vincula a pretensão de *veracidade*. A intenção expressa pelo falante coincide com aquilo que ele pensa.

Essas pretensões de validade têm caráter universal, possibilitam o entendimento e estão diretamente associadas à racionalidade. A prática comunicativa tem, de forma imanente, a possibilidade de que os participantes entrem num processo argumentativo, apresentem boas razões e examinem criticamente a verdade dos enunciados, a retidão das ações e normas e a autenticidade das manifestações expressivas. Se há contestação das mesmas, é possível reiniciar o processo argumentativo até que o consenso venha a ser obtido. Como tudo o que é apresentado é passível de crítica, esse processo permite que se identifiquem erros e que se aprenda com eles. O consenso só é possível de ser estabelecido porque ele se apóia no reconhecimento intersubjetivo de pretensões de validade suscetíveis de crítica.

No processo comunicativo os sujeitos coordenam ações e entendem-se pelo uso da linguagem. Mas Habermas sabe que nem sempre o emprego da linguagem é produzido com vistas ao entendimento. Metodologicamente, esse problema só pode ser evitado através da demonstração de que o uso da linguagem voltada ao entendimento é um modo *original*, que se baseia na pragmática. Para tanto, Habermas lança mão da *teoria dos atos de fala* de Austin e Searle para fundamentar a própria competência comunicativa.

A análise dos atos de fala, conforme a teoria de Austin permite distinguir entre o conteúdo das proposições e a força ilocucionária. Por exemplo, nas emissões "*Eu afirmo que p*", "*Eu prometo que p*" e "*Eu ordeno que p*", percebe-se a força ilocucionária (aquela força decorrente do agente que faz a ação dizendo algo). O falante tem capacidade de entender esse modo de comunicação e estabelecer conexões com seu mundo externo. Ao falar, ao usar a linguagem cotidiana, os homens se põem em relação com o mundo físico, com os demais sujeitos, com suas intenções e sentimentos. "Os êxitos ilocucionários (...) se conseguem no plano das relações interpessoais, (...) se produzem no mundo da vida, ao qual pertencem os participantes na



comunicação e que constituem o pano de fundo de seu processo de entendimento." (Habermas, 1987, v.1, p.376).

O ato de fala inclui uma parte performativa que permite, àquele que o enuncia, executar, ao mesmo tempo em que fala, a ação a que se refere o elemento performativo. A fala é também ação e essa relação lingüística transforma-se em razão comunicativa. Na ação comunicativa, o objetivo fundamental é assegurar o entendimento de todos, esclarecendo os diversos pontos de vista.

A ação comunicativa possui uma espécie de âncora, constituída por um saber de fundo, que nutre as interpretações dos participantes na interação. Trata-se do mundo da vida (Lebenswelt), o horizonte em que nos movemos. Habermas retoma de Husserl o conceito de horizonte para significar que os limites do mundo vivido são fluidos, podem deslocar-se dependendo do lugar em que cada um se situa. Refere-se aquele "*fragmento do mundo da vida relevante*" para a situação que exige entendimento. O mundo da vida aparece como auto-evidência, convicções não questionadas e não tematizadas, que orientam o entendimento, mas "só quando se tornam relevantes para uma situação (...) podem determinadas auto-evidências ser mobilizadas em forma de um saber sobre o qual existe consenso e que se torna suscetível de problematização." (Habermas, 1987, v.2, p.176)

O sistema apresenta-se como oposição ao mundo da vida, resultado de um processo de diferenciação das estruturas de compreensão do mundo. Ao aumento de complexidade dos sistemas, corresponde a racionalização do mundo vivido, que se reflete nesse próprio mundo. A perda da pré-compreensão da prática comunicativa encolhe o mundo vivido e o torna apenas mais um subsistema. Quando a integração sistêmica interfere sobre a integração social, se estabelece uma violência estrutural que ataca as formas de entendimento possível da ação comunicativa, gerando perda de sentido, perda de legitimação, desestabilização das identidades coletivas, ruptura da tradição.

Dois anos mais tarde do aparecimento da *Teoria do agir comunicativo*, em 1983, Habermas publica *Consciência moral e agir comunicativo*, onde expõe a ética discursiva, com pretensão de universalidade. Em 1992 publicou *Faktizität und Geltung* (Facticidade e validade) onde aplica para o campo do direito os



princípios do agir comunicativo e aposta numa democracia radical para garantir os direitos humanos. Os textos que se seguiram estão ainda relacionados com questões apresentadas em *Faktizität und Geltung*. Trata-se de um conjunto de ensaios sob o título *Die Normalität einer Berliner Republik*, 1995 (A normalidade de uma república berlinense), nos quais Habermas aborda temas políticos e culturais do seu tempo, envolvendo questões internas da Alemanha e da integração europeia. A outra obra recentemente publicada, *Die Einbeziehung des Anderen*, 1996 (A inclusão do outro), retoma os conceitos de Estado e democracia, a partir de uma teoria discursiva, de modo a atender as novas exigências de um sociedade multicultural. Assim, Habermas propõe um modelo de democracia discursiva, que assegure as condições autonormativas de nossas práticas.

Sem ter escrito um tratado pedagógico, podemos reconhecer em Habermas um pensador contemporâneo que tem algo a dizer à educação, justamente pela reconstrução das condições que asseguram a validade do agir pedagógico, numa época em que não há mais garantias metafísicas.

Bibliografia

HABERMAS, Jürgen. *Vom sinnlichen Eindruck zum symbolischen Ausdruck*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

HABERMAS, Jürgen. *A crise de legitimação do capitalismo tardio*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980.

HABERMAS, Jürgen. *Ciência y técnica como ideología*. Madrid: Tecnos, 1984.

HABERMAS, Jürgen. *Consciência moral e agir comunicativo*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HABERMAS, Jürgen. *Die Einbeziehung des Anderen: Studien zur politischen Theorie*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1997.

HABERMAS, Jürgen. *Die Neue Unübersichtlichkeit*. Frankfurt a M.: Suhrkamp, 1985.

HABERMAS, Jürgen. *Ensaio políticos*. Barcelona: Península, 1988.

HABERMAS, Jürgen. *Erläuterungen zur Diskursethik*. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1992.



HABERMAS, Jürgen. *Escritos sobre moralidad y eticidad*. Buenos Aires: Paidós, 1991.

HABERMAS, Jürgen. *Faktizität und Geltung*. Frankfurt a. M.: Suhrkamp, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

HABERMAS, Jürgen. *Passado como futuro*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempos Brasileiro, 1990.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa*. V.1 e2. Madrid: Taurus, 1987.

HABERMAS, Jürgen. *Teoría de la acción comunicativa: complementos y estudios previos*. Madrid: Cátedra, 1989.



Prof. Borges

